



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **CONTRIBUIÇÕES DA ETNOGRAFIA URBANA PARA O ESTUDO DO FEMINISMO NEGRO ENTRE MULHERES NO HIP-HOP NA BAHIA**

Lícia Maria de Lima Barbosa

Professora Assistente do Departamento de Educação – Campus XI da Universidade do Estado  
da Bahia - UNEB

Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos -  
POSAFRO da Universidade Federal da Bahia – UFBA  
pedrobeninho@yahoo.com.br

A escolha do tema deste trabalho *CONTRIBUIÇÕES DA ETNOGRAFIA URBANA PARA O ESTUDO DO FEMINISMO NEGRO ENTRE MULHERES NO HIP-HOP NA BAHIA* foi motivada, em grande medida, pelo tratamento metodológico que pretendo dar ao meu objeto de investigação, *Mulheres no Hip-Hop: expressões de feminismo negro na Bahia*, principalmente no que se refere ao lócus da minha investigação, que se dá no contexto urbano. Neste sentido reflito sobre alguns problemas e desafios do fazer etnográfico em contextos urbanos procurando evidenciar as contribuições do olhar etnográfico para a perspectiva do feminismo negro, na qual o cotidiano é uma dimensão fundamental para se realizar práticas feministas.

### *CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE O FEMINISMO NEGRO*

As feministas negras norte-americanas foram pioneiras na incorporação do tema das diferenças em suas abordagens, ocupando-se em discutir a presença do racismo, bem como o entrecruzamento entre gênero, raça e classe como elemento representativo das diferenças nas experiências das mulheres. (SILVA e BARBOSA, 2008). Desde o século XIX, mulheres negras norte-americanas como Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Anna



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett<sup>1</sup> tiveram papel fundamental no desenvolvimento de uma crítica feminista negra, revelando as experiências da mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas pós-escravidão. A partir dos anos 1970, e com maior ênfase nas décadas de 80 e 90 até então, a produção da teoria feminista por mulheres negras como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins contribuiu para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA. (CALDWELL, 2010)

Angela Davis, em *Women, Race & Class* (New York: Vintage Books); bell hooks, em *Ain't I a Woman: black women and feminism* (Boston: South End Press) ambos publicados em (1981), criticam as raízes individualistas do feminismo, defendendo uma perspectiva feminista que não seja informada pela ideologia liberal individualista, o feminismo negro.

Analisando de forma bem ampla as produções das feministas negras norte-americanas, citadas anteriormente, nota-se muitos aspectos convergentes. Por exemplo, um dos elementos importantes da produção de bell hooks é enfatizar a relação entre produção intelectual e experiência pessoal. A autora, que utiliza-se do recurso de falar de si mesma como uma forma de ativismo, para aproximar a realidade de outras mulheres negras, trata de temas como a relação das mulheres negras com a academia, sexismo, racismo, teoria feminista, dentre outros.

De acordo com hooks, mulheres negras e brancas compartilham a luta contra o sexismo. O pessoal não se sobrepõe ao político, como muitos interpretam a máxima “o pessoal é político”, mas o pessoal é ponto de partida para conectar politização e transformação da consciência, isto é ler criticamente a experiência de opressão das mulheres. Dessa perspectiva, o feminismo passa a ser entendido como: *a lente através da qual diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente, no sentido de reinventar*

---

<sup>1</sup> Para uma discussão do feminismo negro nos EUA neste período ver GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). **Words of Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*as relações sociais entre homens e mulheres fora dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro. (BAIROS, 1995)*

Ao lado de Angela Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins é apontada como uma das grandes referências norte-americana do feminismo negro. Nas suas reflexões sobre o tema, a autora lembra que a ação de mulheres negras mais conhecidas, como Sojourner Truth, Anna Julia Cooper, Ida Barnett, Fannie Hamer, tiveram suporte na ação de outras mulheres comuns que pensaram estratégias de resistências cotidianas, criando uma poderosa fundação para dar mais visibilidade a uma tradição ativista das feministas negras. Segundo Collins (1989), são as intelectuais feministas negras contemporâneas que têm se esforçado para identificar conceitos centrais para pensar o mundo a partir do ponto de vista da mulheres negras. Entretanto, questões epistemológicas e políticas têm influenciado a construção social do pensamento feminista negro. Tais como outros grupos subordinados, mulheres afro-americanas têm desenvolvido distintas interpretações da opressão de mulheres negras e têm feito isso através de caminhos alternativos de produção e validação do conhecimento delas mesmas.

Collins aponta uma longa tradição feminista entre as mulheres negras em torno de cinco aspectos fundamentais: 1) o legado de uma história de luta; 2) a natureza interligada de raça, gênero e classe; 3) combate aos estereótipos; 4) atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; e 5) a política sexual. (BAIROS, 1995)

A autora considera como contribuição intelectual ao feminismo o conhecimento produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias como mães, professoras, escritoras, empregadas domésticas, militantes pelos direitos civis, cantoras e compositoras da música popular. Aponta que essa tradição intelectual é subjugada em função de critérios epistemológicos que negam a experiência como base legítima para a construção do conhecimento. Para esta autora, Feminismo negro é:

...um conjunto de experiências e idéias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem (COLLINS, apud BAIROS, 1995)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Segundo Collins, o ponto de vista das mulheres negras é definido a partir da opressão vivida por elas, ou seja a partir do lugar que ocupam na estrutura social. A experiência de ser mulher negra difere do que é ser mulher e de quem não é negro. A perspectiva do standpoint ou do ponto de vista, expressa que a realidade é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir, possibilitando criar uma consciência independente, o que favorece o pensamento feminista negro. É com base nas ações do dominador que as mulheres negras desenvolvem um ponto de vista próprio, calcado na experiência da opressão (no cotidiano) e numa atitude de resistência. Collins(1989) evidencia a interdependência do ponto de vista das mulheres negras e do pensamento feminista negro, níveis de conhecimento diferentes e interdependentes, uma espécie de teoria validando a prática e vice-versa. Esse primeiro nível de conhecimento é dado pelo cotidiano, garantindo conhecimento compartilhado pelo grupo e percebendo a realidade a partir do ponto de vista das mulheres negras. O segundo nível de conhecimento é representado pelo pensamento feminista negro, um conhecimento mais especializado fornecido por especialistas que fazem parte do grupo e expressam o ponto de vista do grupo. O pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida. Isso é feito com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe. Ele oferece ferramentas de resistência para as subordinações vividas pelas mulheres afro-americanas. Segundo Collins, os grupos subordinados têm utilizado diferentes caminhos para criar uma consciência independente e rearticulá-la com base na opressão de si mesma.

No contexto brasileiro, uma das maiores referências do feminismo negro é, sem dúvida alguma, a intelectual, militante, ativista, Lélia de Almeida Gonzalez. Uma das características da produção intelectual de Gonzalez foi o estudo das relações raciais relacionado a dimensão de gênero e também orientando-se pelos conceitos da psicanálise. Conforme já apresentado anteriormente, a conexão teoria e prática é uma das dimensões importante do feminismo negro. Gonzalez também já fazia referência à



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

importância dessa relação, ao considerar que o aprofundamento do seu pensamento também foi mediado pela sua militância, e que a inter-relação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do seu pensamento, além de também pontuar a sua própria condição de mulher negra como elemento importante para o desenvolvimento de suas idéias. (BARRETO, 2005)

### *E A ETNOGRAFIA COM ISTO?*

Conforme Magnani (2009) o que constitui ponto de interesse comum entre pesquisadores interessados em questões urbanas contemporâneas é o olhar etnográfico. Daí cabe ressaltar algumas hipóteses básicas em relação à etnografia.

Em geral a etnografia é confundida com o detalhismo, com a busca obsessiva dos pormenores na descrição das situações de campo; também é vista como sendo o porta-voz da população estudada, às vezes é identificada com a reprodução do discurso nativo. O método etnográfico é também visto como um esforço em transmitir o ponto de vista do nativo em sua pretensa autenticidade, não contaminada com visões externas, ou ainda é identificado com as técnicas do chamado método qualitativo.

Autores como Peirano (1995), Da Matta (1974), Geertz (1983), nos afastam desses desvios de entendimento e explicitam alguns significados recorrentes em relação a este método: a) uma atitude de estranhamento e/ou exterioridade por parte do pesquisador em relação ao objeto; O que Magnani (2002) chama de um *olhar de fora e de longe*, informado pela cultura de origem do pesquisador e das orientações teóricas que segue além das teorias nativas, é justamente essa ambigüidade que permite um olhar descentrado, uma solução não prevista. Autores como (GOLDMAN, 2001, MERLEAY PONTY, 1984, PEIRANO 1995, APUD, MAGNANI, 2002) apontam que essa experiência tem efeitos no pesquisador, que este ao perceber o significado do arranjo nativo, consegue descrevê-lo nos seus termos, atestando a sua lógica e incorporando aos padrões da sua tradição intelectual e de seus valores.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

b) etnografia é uma forma especial de operar, em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para segui-los até onde seja possível e, numa relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2005)

Ainda segundo este autor a etnografia é um modo de apreensão do mundo, a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar os dados percebidos como fragmentários, soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo, mas que carrega marcas do pesquisador e dos nativos. Assim o que se propõe com o método etnográfico em contextos urbanos, sobretudo no estudo das cidades e suas dinâmicas é resgatar um *olhar de perto e de dentro*. Magnani (2002). Essa perspectiva permite apreender padrões de comportamento de indivíduos, variados, múltiplos e heterogêneos, que constituem a vida cotidiana nas cidades

A temática indivíduo e sociedade está estreitamente ligada a boa parte das investigações no meio urbano, sobretudo a partir da década de 70, o que se pode atestar ao investigarmos as origens da antropologia urbana através dos autores da Escola de Chicago, herdeiros da obra de Simmel. (VELHO 2003).

Neste sentido, aspectos importantes que devem ser destacados nas pesquisas urbanas conforme nos indica Souza (2009), refere se a proximidade que experimentamos com o nosso universo de pesquisa, falamos a mesma língua, assistimos aos mesmos programas de TV, transitamos por espaços de comércio e lazer que se cruzam. Isso possibilita e nos permite refletir sobre estes espaços urbanos, a partir dos nossos desconhecimentos, provocando estranhamentos que nos permitem transformá-los em autênticos focos de pesquisas. Assim Velho (1994), nos lembra algo muito interessante em *observando o familiar*, quando aponta que “*o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas, não é necessariamente conhecido e que encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto conhecido*”. (VELHO, 1994:126).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Dialogando com esta reflexão sobre a relação entre proximidade e distância; familiaridade e estranhamento, ambas em Velho (2003), nesta fase da minha pesquisa, percebi que embora o movimento Hip-Hop se constitua em contextos urbanos, o que a primeira vista é familiar para mim, houve um grande estranhamento, porque de certa forma é um universo, um estilo de vida que não domino, então tem sido bastante novo para mim, me familiarizar com as suas histórias, o seu vocabulário, a sua estética, as suas performances, músicas etc. Estranhar não somente o desconhecido, mas também o “conhecido”, desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações que constituem nossa visão de mundo, para VELHO, é o multipertencimento do pesquisador, no caso o antropólogo, que lhe permite pesquisar em sua própria sociedade, o fato de não pertencer a nenhum grupo exclusivo, somada a sua formação permite o movimento de estranhamento crítico diante do próximo. Neste sentido, tive e tenho que estar realizando constantes deslocamentos, ou estranhar o familiar.

Por outro lado, a proximidade também traz desafios. Na minha pesquisa isso fica bem ilustrado em se tratando da dimensão do feminismo negro, a minha trajetória pessoal de militância e atuação no movimento de mulheres de Salvador, a partir do Coletivo de Mulheres do Calafate<sup>2</sup>, desde a minha permanência no CEAFFRO<sup>3</sup>, o diálogo com organizações do movimento negro, criaram laços de aproximação, sobretudo com as mulheres do movimento hip-hop, que atuam em movimentos sociais.

Ainda nesta esteira de aspectos importantes no trabalho com pesquisas urbanas, há que se notar a problemática da subjetividade e da intersubjetividade. No diálogo que estabelecemos com nossos interlocutores no trabalho de campo ela é uma mediadora e definidora de direcionamentos de pesquisas, lidamos com uma sociabilidade

---

<sup>2</sup> COLETIVO DE MULHERES DO CALAFATE - Organização comunitária feminista que tem como objetivo acabar com a violência contra as mulheres, no intuito de promover a saúde e direitos humanos das mulheres.

<sup>3</sup> CEAFFRO – é um programa de educação para a igualdade racial e de gênero criado em 1995, com o objetivo de estabelecer um diálogo entre a UFBA, a Escola Pública e as Organizações do Movimento Negro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

entrecortada por subjetividades individuais, negocia-se individualidades na coletividade, ambas vão se constituindo mutuamente (SIMMEL 1979, apud SOUZA, 2009)

A preocupação com a escrita é outro fator recorrentemente citado na literatura antropológica, que se ocupa da pesquisa em contextos urbanos, e utiliza a etnografia como recurso fundamental. Desafios de como lidar com a interpretação da nossa escrita, como construir essa inscrita, são colocados em destaque, já que o pesquisador ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, expõe-se com maior ou menor intensidade a um confronto com outros especialistas, com leigos e a depender dos casos, até com representantes dos universos que foram investigados, que podem discordar das interpretações do investigador. (VELHO, 1984).

Outro desafio do experimento etnográfico é resistir ao que Magnani (2009) denomina de *tentação da aldeia*, ou seja, considerar cada objeto de estudo como um todo fechado e auto-significante, além de resistir também à recusa de se abrir a outros pontos de vista que podem revelar ângulos inesperados. O importante é que esses desafios nos oferecem possibilidades de rever, enriquecer os resultados das pesquisas.

Contribuições importantes para pensar uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos nos é apresentada pelas correntes da antropologia pós-moderna, que criticam as tradições modernas da antropologia (Malinowski, Radcliffe-Brown, Marcel Mauss, Clifford Geertz), sobretudo em relação ao modelo etnográfico. Tais correntes analisam a maneira pela qual os antropólogos tem produzido sua escrita - na qual há uma separação entre a voz do observador e observado no texto. Outra crítica que aparece, diz respeito a relação que se estabelece entre pesquisadores e os seus sujeitos de pesquisa. Em tempos de pós-modernidade o objeto de pesquisa não é mais a cultura do outro, mas, a etnografia, o gênero literário como texto, onde se enfatizam as novas alternativas de escrita etnográfica. (JORDÃO, 2004)

Para os antropólogos pós-modernos a etnografia deve ser mais que uma interpretação sobre o outro, deve ser uma negociação com diálogos, uma expressão das trocas entre



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

uma multiplicidade de vozes (polifonia), onde fiquem evidentes o outro no texto etnográfico e o seu relacionamento com o antropólogo, além da própria voz deste último.

Dialogando mais detidamente com os problemas e desafios apresentados ao se realizar pesquisas em contextos urbanos utilizando o método etnográfico, e na tentativa de relacionar essa questão com a minha pesquisa, várias indagações surgiram, desde explicitar de fato o que quero com a minha investigação, a sua relevância social e teórica, e até mesmo as minhas posturas e atitudes no trabalho de campo. Sendo assim, creio que cabe explicitar algumas delas.

Na minha pesquisa estou interessada em discutir o que é feminismo negro no Brasil, na Bahia, em Salvador, a partir da participação das mulheres no hip-hop. O público pesquisado são grupos de Hip-Hop, constituídos por mulheres na cidade de Salvador e região metropolitana. Me interessa perceber em campo como as minhas interlocutoras agem, o que pensam em relação à prática delas no movimento hip-hop, relacionam esta prática com o feminismo negro? Se vêem como feministas? Ou mesmo como feministas negras? De que forma o entendem? Como se posicionam em relação a ele? Como se dão as relações entre elas e suas famílias? E a relação com os homens do movimento hip-hop? Dentre outras questões.

Apropriar-me do que elas sabem, fazem, dizem e relacionar com o que eu sei disto, são algumas das minhas intenções neste trabalho. De modo que os deslocamentos, estranhamentos, interpretações serão posturas de pesquisas constantes para constituir esse modo de apreensão, que revela-se enquanto etnografia.

### *ETNOGRAFIA E FEMINISMO NEGRO*

Localizo como uma contribuição fundamental do olhar etnográfico para a perspectiva do feminismo negro conceber este método como um modo de apreensão do mundo a partir do cotidiano das pessoas, do ponto de vista do pesquisador e dos sujeitos de pesquisa. Outra contribuição importante reside no fato de estarmos atentos enquanto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pesquisadores/as que o exercício etnográfico nos chama a olharmos nós mesmos e olhar nossos interlocutores de pesquisa de uma forma diferente, e quando é possível viver isso pelo menos uma vez, a etnografia passa a ser transformadora. (VASCONCELOS, 1996). Vejo essa concepção muito próxima do feminismo negro na medida em que este ressalta que a realidade é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir, possibilitando criar uma consciência independente o que gera condições de se transformar a realidade em que se vive

Ao mesmo tempo em que essas reflexões me transportam para situações vivenciadas no campo nas quais tenho experimentado muito das sensações descritas anteriormente no que se refere a relação entre distanciamento e proximidade, “o olhar de perto e de dentro”, do que tem se descortinado em relação a percepção dos elementos constitutivos do Hip-hop no ritmo, atitude, poesia (RAP), a força da palavra, da experiência poética, das muitas possibilidades corporais nas batalhas de break, dos simbolismos e subjetividades expressos nos grafites e das inusitadas paisagens sonoras criadas pelos DJ's.

E finalmente outro subsidio é percebermos a etnografia como espelho de nós próprios. Quando me posiciono, escrevo sobre os outros e sobre mim mesma, revelo o meu eu situado cultural e historicamente. Em muitas ocasiões tenho percebido como a pesquisa me revela enquanto mulher negra. A pesquisa esta em curso, logo estou em franco processo da experiência transformadora da etnografia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## REFERÊNCIAS

- BAIRROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: **Dossiê Mulheres Negras** – Matilde Ribeiro (org). Revista Estudos Feministas, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995, pp.458-463.
- \_\_\_\_\_. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; OUTRAS. **Livro da Saúde das mulheres Negras**. Rio de Janeiro: Pallas e Crioula, 2000. p. 42-61.
- BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. 2005. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da Abpn: experiências de mulheres negras na produção do conhecimento**. Brasília, v. 1, n. 1, p.18-27, 2010. Qudrimestral.
- COLLINS, Patricia Hill. The Social Construction of Black Feminist Thought. In: JSTOR. **Common Grounds and Crossroads: Race, Ethnicity, and Class in Women's Lives**. 4. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989. p. 745-773.
- \_\_\_\_\_. **From Black Power to Hip Hop: Racism, Nationalism and Feminism**. Philadelphia: Temple University Press, 2006.
- DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. **Cadernos do PPGAS**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1974
- DAVIS, Angela. Reflections on the black woman's role in the community of slaves. In: SHEFTALL, Beverly Guy. **Words of Fire: An anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995. p. 200-218
- GEERTZ, Clifford. **Local Knowledge**. Nova York: Basic Books, 1983
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. 1980, Rio de Janeiro. **Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980. p. 223 - 245.
- hooks, bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. Boston, Ma: South End Press, 1989.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-478, 1995.

\_\_\_\_\_. Black Women: Shaping Feminist Theory. In: SHEFTALL, Beverly Guy.

**Words of Fire: An anthology of African-American Feminist Thought**. New York: The New Press, 1995. p. 269-282.

JORDÃO, Patrícia. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. **Revista de iniciação científica da FFC**. UNESP. São Paulo, v.4, n.1, 2004. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/69/71>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. No meio da trama. A antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**. CIES/ISCTE-IUL. Lisboa, n. 60, 2009, PP 69-80

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais/ ANPOCS*. São Paulo, vol. 17, n.49, junho, 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

Disponível em: <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>

SILVA, Tatiana Raquel Reis; BARBOSA, Viviane de Oliveira. Repensando os feminismos negro brasileiro e norte americano. In: XIV SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS (ES) SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO. 2008, Salvador-ba. **GT Gênero, Raça e Etnia**. Salvador: UFBA, 2008. p. 93-106.

SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O**

**Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

SOUZA, Ângela, Maria de. **A caminhada é longa... e o chão tá liso: O movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa**. Tese de Doutorado em Antropologia Social – PPGAS – UFSC, 2009. Disponível em:

[http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1321](http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1321)

VASCONCELOS, Teresa Maria Sena de. Onde pensas tu que vais? Senta-te!:

Etnografia como experiência transformadora. **Educação, Sociedade e Cultura**, Porto, n. 6, p.23-46, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In **Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

\_\_\_\_\_; Kuschner, Karina (orgs). Os desafios da proximidade. In **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003